

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem. ST 16

Jorge Leite Júnior

PUC-SP

Palavras-chave: pornografia, travestis, sexualidade

### **“O melhor dos dois mundos” – Sexualidade, entretenimento e pornografia com travestis.**

A partir da segunda metade do século XIX, pelas mãos da ciência, os gozos sexuais foram fragmentados e classificados em “saudáveis” ou “doentes”, delimitando o campo do prazer útil e organizando os então considerados desvios e transgressões nas chamadas “perversões” e “perversidades”. Embora apresentassem limites difusos entre uma e outra, as primeiras eram entendidas como uma doença, uma sina infeliz que se abatia sobre a pessoa. Para estas, surgiram os asilos, manicômios e os mais incríveis e variados tratamentos medicinais. Já as segundas, as perversidades, eram vistas como vícios, opções conscientes e, principalmente, algo “adquirido” socialmente e alheio ao sentimento de “vergonha” ou “arrependimento”. Para estas, as prisões, os manicômios judiciários, a psiquiatria forense e o rigor das leis. Da mesma maneira, o material hoje conhecido como pornografia, surgido no mesmo período, encarna a produção obscena excluída dos padrões culturalmente aceitos do “gosto legítimo”. Entre os elementos que servem para torná-la incômoda, talvez os corpos anatomicamente diferenciados dos padrões de “natureza” ou de “beleza” dominantes e o riso contribuam com sua parte.

Para a cultura dita oficial do Ocidente, sexo é algo muito, muito sério. Mas para a pornografia, que não participa deste auto-proclamado discurso legítimo sobre a sexualidade, o riso e a diversão são elementos fundamentais. Dentro deste negócio do “entretenimento para adultos” criado pela cultura de massas, existem subdivisões conhecidas como bizarro, sadomasoquista ou fetichista que apresentam as chamadas “perversões sexuais”, ou o gozo ilegítimo. Nesta linha, o foco principal é o corpo que escapa às convenções sociais do “sadio”, “normal” ou “natural”. Desta maneira, desde físicos com formas estranhas aos padrões dominantes de beleza como pessoas muito gordas/ velhas, grávidas, peludas ou anões; sexo envolvendo a erotização e adoração de partes do corpo, roupas ou objetos; práticas sexuais que envolvem humilhação e/ou dor

física entre os parceiros entre tantas outras variedades da imaginação sexual espetacularizada tornam-se o foco principal destas produções.

Uma das mercadorias mais comuns encontradas sob estes rótulos é justamente o sexo com travestis que, a partir dos anos 90 do século XX principalmente graças à internet, já está criando uma subdivisão específica para si: produtos sob o rótulo “*she-male*”, “*tranny*” ou “*Ts*” são cada vez mais comuns em classificações internas no meio pornô, embora tais produtos ainda sejam também encontrados sob o título “bizarro”, “*weird*” ou “fetichismo”. Reafirmando a importância da questão corporal na atualidade, as revistas ou filmes com este tema apresentam o físico inscrito em outros territórios de desejo. Para este estudo, trabalhei apenas com pornografia legalizada, que pode ser encontrada em qualquer banca de revista ou videolocadora, mostrando sexo entre adultos (maiores de 18 anos, segundo as fichas técnicas) e práticas ditas “consentidas”.

No universo da cultura popular, o espetáculo não é um elemento novo, mas até o século XIX, normalmente encontrava-se restrito a festas e eventos importantes, e sua característica primeira estava na exposição do “extraordinário”, “fantástico”, “incrível”. Tudo o que ultrapassasse a linha do cotidiano e comum era motivo de espanto e, por isso mesmo, de demonstração pública. A apresentação pública de “monstros” e anomalias humanas já acontecia desde a Idade Média nas festas religiosas e, após o Renascimento, eles passam a ser exibidos em tavernas, feiras e especialmente nas cortes para os nobres. Neste período o público era restrito e estes pequenos espetáculos ainda não se caracterizavam como uma forma própria de negócio. Em 1723 o primeiro museu público de Londres anunciava em um jornal: *monstros de todos os tipos são vistos aqui, coisas estranhas ao natural, como elas acontecem* (1). Surge então a espetacularização pública das anomalias humanas como um negócio específico. Estes “shows de aberrações” vão viajar o Ocidente inteiro, mas é nos Estados Unidos, um século depois, que irão se firmar e criar toda uma cultura específica. Nasceram assim os *freak shows*, espetáculos em que são apresentados para apreciação pública todo o tipo de coisa estranha, esquisita ou bizarra. Mas o grande sucesso destes eventos se deve às anomalias e deformidades humanas, que envolviam não apenas as estranhezas físicas como as “anormalidades” psíquicas, tais como os vários tipos de deficiência mental. Os mais variados e distintos físicos expõem-se à admiração como verdadeiros monstros e prodígios da natureza, e com isso ganham a vida, fazem carreira e alguns poucos até acumulam fortunas.

Em 1832, o zoologista francês Geoffroy Saint-Hilaire escreve *Histoire Générale et Particulière des anomalies de l'organisation chez l'homme et les animaux*, que tem como subtítulo *Traité de teratologie*. Nasce então a “teratologia”, a ciência que estuda as deformidades do corpo (2). Para se diferenciar dos tratados sobre monstros e aberrações de até então, que misturavam as explicações orgânicas com as mágicas e espirituais, o autor abandona a raiz latina *monstrum* ou *monstra* e deriva o nome deste novo ramo da medicina do grego *terato*, significando ainda “monstruosidade, anomalia”, e originado de *terás*, “o sinal enviado pelos deuses, uma coisa monstruosa”. Cria-se uma outra nomenclatura para separar claramente discurso popular e conhecimento científico, mas seu significado continua o mesmo: o deformado físico é um monstro. A medicina acaba colaborando para a manutenção do caráter de alteridade e estranheza da pessoa de corpo “anômalo”. Os antigos monstros e bufões tornam-se agora erros da natureza; a maravilha corporal é entendida como doença e o medo que antes causavam passa a inspirar pena. Acompanhando as mudanças de cultura e sensibilidade da época, os antigos monstros humanos transformam-se em doentes ou degenerados. A “maravilha” tornou-se erro (3).

Com a diminuição na crença da monstruosidade como sinal divino, a deformidade corporal vai sendo cada vez mais naturalizada através da biologização de seu discurso, e entre os monstros do folclore popular e os doentes teratológicos da ciência erudita, surgem os *freaks* da cultura de massas. Já que na crença científica o mundo exterior não traz mais “maravilhas”, apenas aleijões, e muitos dos antigos prodígios não conseguiram sustentar-se no embate contra as provas empíricas de produção da “verdade”, restou ao homem moderno procurar os encantos e horrores do mundo fantástico dentro de si mesmo. Neste longo processo, vai surgindo então uma figura que vai assombrar o imaginário social e desestabilizar os padrões normativos até os dias de hoje: o anormal. Conforme Foucault: *o anormal (...) é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado. O anormal vai continuar sendo, por muito tempo ainda, algo como um monstro pálido* (4).

Assim, no início do século XX, junto às apresentações do cinematógrafo, das novas tecnologias, demonstrações de mesmerismo, dos recentes métodos de tratamentos médicos e psicológicos, além de acrobacias e mágicas, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise ganham relevância social graças a seu próprio “circo dos horrores”. Enquanto os *freaks shows* apresentam seus anormais como a mulher barbada, o homem elefante, a família lobo ou o menino crocodilo, as ciências da psique constroem e

apresentam tanto às conferências médicas quanto ao imaginário ocidental, a mulher histérica, o homem neurótico, a família degenerada e, claro, os perversos sexuais. As deformidades que passam a impressionar o público agora vêm da mente grotesca: são os assassinos psicopatas, os masoquistas, os maníacos, e toda a enorme variedade de estranhezas psíquicas. E na mesma proporção em que os *freak shows* são gradativamente proibidos e a sensibilidade para com estes espetáculos se altera, considerando-os cada vez mais como apelativos, vulgares e ofensivos, cresce o número de presídios, hospícios e asilos. O aumento da “humanização” na maneira de encarar socialmente estas pessoas é diretamente proporcional ao afastamento destas do universo público. É neste mesmo período, a passagem do século XIX para o XX, que nasce o produto conhecido hoje como “pornografia”. Diferente das representações sobre a sexualidade humana que a precederam e eram indissociáveis de uma crítica político-social, este novo material caracteriza-se pela intenção de provocar o desejo e a excitação sexual em seu público consumidor como um fim em si mesmo, além da produção em massa alheia às questões filosóficas.

Percebemos então que a representação sexual “bizarra/ fetichista/ *She-male*” possui uma forte herança dos espetáculos de “aberrações humanas” e *freak shows*, pois ela também, à sua maneira sexualizada, espetaculariza os corpos em situações extremas, nas quais eles fazem ou são “maravilhas” e “prodígios”. Indo além de simplesmente apresentar o sexo, os filmes ou revistas pornôis envolvendo sadomasoquismo, fetiches e práticas extraordinárias, procuram a espetacularização do estranho e inusitado em matéria de prazeres sexuais, nas quais os corpos das travestis ganham destaque. Desta maneira, tais “shows” são criados para apresentar um corpo “monstruoso” não apenas no popular contexto de malignidade espiritual ou doença, mas no sentido da Antiguidade: uma maravilha, um prodígio da natureza que tanto pode causar medo ou repulsa como provocar o riso ou a excitação. Assim, o corpo das travestis representaria antes de tudo algo “fora da ordem do mundo”. Novamente, entre os hermafroditas da cultura popular e as disforias de gênero, parafilias ou perversões da ciência erudita, surgem as *trannys*, *t-girls* ou *she-males* da cultura de massas.

Na Idade Média, conta-se sobre um cinocéfalo hermafrodita visitando a corte francesa. Este estranho ser com corpo humano, cabeça de cão e possuindo os dois sexos foi considerado um importante aviso contra os desvios da sexualidade, em especial os cruzamentos de gêneros e raças. Através de sua aparência, estampava-se a proibição do homossexualismo e da zoofilia. *O monstro corporifica aquelas práticas sexuais que não*

*devem ser exercidas ou que devem ser exercidas apenas por meio do corpo do monstro* (5). No século XIX, os hermafroditas novamente voltam ao centro das discussões (como durante o Renascimento) através da medicina. Enquanto estes seres meio-homem, meio mulher são espetacularizados na forma de atrações bizarras em circos e feiras, como Le-Ola, um brasileiro que, igual aos andróginos de Plínio, possuía o lado esquerdo feminino e o direito masculino, a ciência proclama o “erro” da natureza em criar estas “aberrações” e inicia uma cruzada contra a ambigüidade sexual. Se até o século XVIII, o hermafroditismo era entendido como a união dos dois sexos em um só corpo, ainda que socialmente o indivíduo devesse escolher qual gênero ele iria se identificar sob pena de punição por sodomia, a partir de agora, como demonstrou Foucault (6), surge uma busca constante pelo “verdadeiro sexo”. Nascem daí os conceitos científicos de “erro” “inversão” e “perversão”, todos referentes ao desvio de uma “verdade” sobre a natureza sexual.

Curiosamente, nesta busca pela verdade única sobre a sexualidade humana, a ciência cria centenas de rótulos e classificações, como os homossexuais, heterossexuais, invertidos, lésbicas, tribades, hermafroditas psíquicos, eonistas, uranistas, fetichistas, sádicos, masoquistas, travestis e toda uma série de “aberrações” que, no palco da medicina e das ciências da psique, farão sucesso como o espetáculo da anormalidade. Desta forma, os hermafroditas, assim como os gêmeos siameses, representam uma “ambigüidade intolerável”, que deve ser corrigida (7).

\*

No Brasil, desde os anos 80 existem revistas de bolso com fotos importadas de travestis fazendo sexo, como *Transex* (Ônix) ou *Trans Men's* (Kirótica). Em 1994, a revista de mulheres nuas *BigMan Internacional* (Ed. Ondas, São Paulo), voltada para o público heterossexual de classe média baixa, lança uma edição especial chamada *Travestis*. Algumas das mais belas apareciam em um produto de qualidade gráfica, com formato grande e fotos sensuais sem imagens de sexo explícito, apenas nudez. Pela primeira vez, travestis brasileiras eram apresentadas com o mesmo status de modelos mulheres. O sucesso foi tão grande que gerou além da continuidade da revista, uma série de fitas de vídeo. Em 2005, esta revista deixou de ser produzida no número 48, segundo a editora, *por razões de mercado*. Neste mesmo período, o mercado de filmes e revistas com travestis já está consolidado, com vários títulos novos – principalmente nacionais - disponíveis todos os meses nas bancas de revistas do país. Atualmente,

existe uma grande produção de vídeos pornô nacionais apresentando somente travestis, sendo que muitos são voltados exclusivamente para o mercado externo, embora seu consumo em nosso país cresça a passos largos.

Apesar disso, as travestis ainda são entendidas como corpos intrusos na ordem social. A produção pornô, ao abrir novas áreas de trabalho facilitando a “tolerância” para com elas através da beleza de sua aparência, também reforça o preconceito ao associá-las ao universo da representação obscena. Se o *status* de estrela pornô enfraquece a relação imaginária com a criminalidade de rua, reforça a estigmatização pelo viés da associação com a pornografia. Ao encarnarem para o imaginário social as estigmatizadas associações entre perversidade sexual, delinquência, espetacularização dos prazeres eróticos e pornografia num único corpo conscientemente forjado, esta “intolerável ambigüidade” paga o terrível preço de conviver com o fascínio carregado de ódio, a desqualificação de seus desejos e a inferiorização de seus gozos. Como a própria pornografia e as práticas sexuais não convencionais, o “corpo que é uma maravilha”, o da travesti, especialmente a que trabalha com prostituição, encara a violência cotidiana de quem assume uma vida e um físico modelados pelo desejo e o prazer eróticos, questionando, mesmo que sem intenção, o discurso do “verdadeiro sexo”.

Nos textos destas revistas ou filmes, tal experiência sexual é constantemente explorada como uma “diversão” única. Isto reforça o imaginário pornô de vivenciar a sexualidade como uma brincadeira e ajuda a vender a idéia de um sexo especial, incomum. Da mesma forma, reanima o caráter de entidade mitológica, e o fascínio pelos *freaks* hermafroditas, fascínio este, não podemos nos esquecer, carregado de medo, curiosidade, desejo e muitas vezes ódio. Longe da complexa discussão acadêmica sobre identidades de gênero, orientação sexual, natureza, cultura, corpo, sociedade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, travestilidade, *drag-queens*, transformistas, ONGs GLBTTs, igrejas evangélicas para gays e psiquiatras cristãos, a espetacularização pornográfica de travestis parece recuperar, via cultura de massas uma ordem social nostálgica na qual “homem é homem”, “mulher é mulher” e “seres com dois sexos são apenas seres com dois sexos”.

Na modernidade líquida, nos termos de Bauman (8), talvez o corpo das travestis na pornografia não exprima somente a espetacularização de um corpo “fantástico”, “anormal” e “fora da ordem do mundo”, mas também o seu contrário: o saudosismo de uma época em que “hermafroditas” nos *freak shows* anunciavam claramente a linha

divisória entre “sadios” e “anormais”, expressa antes de tudo no antigo signo da “verdade” explícita, o corpo.

Desta forma, podemos concluir que os “espetáculos de aberrações”, a fascinação elitista para com o estranho e a estigmatização do considerado “anormal” não desapareceram com os quase antigos *freak shows*, mas foram remodeladas pela cultura de massas e pela ciência. Tanto nas persistentes concepções “científicas” de “perversão” ou “parafilia” quanto nos programas de auditório que colocam travestis em cena para o público descobrir se são “homens” ou “mulheres” e assim as “desmascarar”, a espetacularização estigmatizante está presente. E a pornografia auto-intitulada bizarra ou *she-male* é um exemplo atual deste nebuloso campo onde se unem o sexo, o riso e os corpos incríveis com suas práticas “maravilhosas”. Ou, como afirma o título deste trabalho, retirado da chamada de um site *she-male porn*: “o melhor dos dois mundos”.

#### NOTAS

1 - SEMONIN, Paul, *Monsters in the Marketplace: The Exhibition of Human Oddities in Early Modern England*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996, p. 70

2 - TUCHERMAN, Ieda, *Breve História do Corpo e de seus Monstros*, Lisboa, Veja, 1999 p. 126

3 - No original em inglês, *wonder becomes error* em THOMSON, Rosemarie Garland, *From Wonder to Error – A Genealogy of Freak Discourse in Modernity*, op. cit., p. 3. Por não haver em português um equivalente exato da palavra “*wonder*”, utilizarei o termo “maravilha”, embora o sentido na língua original seja muito mais abrangente, como nos mostra o dicionário Michaelis: *wonder: milagre; prodígio, portentoso; maravilha; admiração, surpresa, espanto*. *NOVO Michaelis Dicionário Ilustrado*, São Paulo, Melhoramentos, 1977, p. 1076

4 - FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pág. 71

5 - COHEN, Jeffrey Jerome, *A Cultura dos Monstros: Sete Teses*, in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), *Pedagogia dos Monstros*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 44

6 – FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro Sexo* in BARBIN, Herculine, *O Diário de um Hermafrodita*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983

7 - GROSZ, Elizabeth, *Intolerable Ambiguity: Freaks as/at the Limit*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spetacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996

8 - BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001